OPINIÃO SOCIALISTA

Nº 531
De 21 de fevereiro a 9 de março de 2017
Ano 20

R$2 (11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU

8 DE MARÇO

Mulheres vão às ruas em todo o mundo contra o machismo e a exploração

Página 13 e 16

NACIONAL

Por que é preciso apoiar as greves da polícia?

Páginas 6 e 7

NACIONAL

Temer, Congresso e STF: juntos para abafar a Lava Jato

Página 5

FORA TEMER! FORA TODOS ELES!

QUEREM ROUBAR SUA APOSENTADORIA E SE LIVRAR DA CADEIA

Greve Geral neles!

páginadois

CHARGE

Falou Besteira

"Se acabar o foro, é para todo mundo. Suruba é suruba. Aí é todo mundo na suruba, não uma suruba selecionada"

ROMERO JUCÁ, reagindo a uma proposta no Congressoque retira o foro privilegiado de magistrados e integrantes do Ministério Público (Estado de S.Paulo 20/02).

CAÇA-PALAVRAS

Marchinhas de Carnaval

N Ó É A Ò N Z G K À Í V Q S
Ã E Õ I B Ç Ó Ú Ô B Í E Ü A
L Z Â C Â Ç S L Ü M B I Ò S
I Ê J A R D I N E I R A J S
Z Ç Ç C Ó S F G B M Á B Ô A
M V Ó H Ê C F Ô G Q Í R S S
Ã O Ò A Z Ê Ã T Â F F E À S
Õ T Í C Í K Ô Z N Ç Q A J A
W P Ô A Ú Ã S Ò Ò H G L Ó R
À Ã Õ Ê Ô Ú T G O G H A C I
Ó Q Á Ü Ô P Ê C Õ Ó Ã S Ô C
Ô X Ú R V Ç A M B I X I É A
Ü Q V H Ô A É N O P Â É C N
I N J Z R Á N Â Ü N Ú U F D
G L R X Ú Ü E G I Ü X Õ Ê O
Ç Á Ç Õ S Ô O X I Ú Ò G U O
B A N D E I R A B R A N C A
Ú B R Õ G P M U H K Ô V Q Ç

RESPOSTA: Jardineira, Cachaça, Abre Alas, Sassassaricando, Bandeira Branca

Vale um caminhão

Recentemente, o mais novo presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Antônio Costa (PSC), agradeceu a representantes da Raízen a doação de um caminhão que a empresa ofereceu para a coordenação da fundação em Dourados (MS). A Raízen é a maior empresa de produção de açúcar e etanol do país. Já o município de Dourados registra alguns dos maiores conflitos envolvendo latifundiários e o povo indígena guarani-kaiowá. Os kaiowás lutam contra o roubo do seu território por fazendeiros do agronegócio. A antiga Tekoha, território ancestral deste povo, hoje abriga enormes plantações de soja e de cana de açúcar. Em reportagem realizada em 2015, o **Opinião Socialista** constatou que até mesmo usinas da Raízen foram construídas em territórios indígenas. Tudo isso com o apoio e financiamento do BNDES. *"Que bom seria se todas as empresas tivessem essa sensibilidade e essa iniciativa"*, comentou, na maior cara de pau, Antônio Costa, sobre a doação do caminhão. O lacaio do agronegócio também criticou o suposto caráter assistencialista da Funai. Em entrevista ao jornal Valor Econômico, disse que o órgão deve "ensinar a pescar". Pena que roubaram dos indígenas suas terras, rios, matas e peixes para cobrir tudo com cana e soja.

Sopa radioativa

Em 2011, um tremor de terra criou um tsunami que causou o colapso e o vazamento de radiação numa usina nuclear em Fukushima, no Japão. Ao lado da explosão de Chernobyl, na Ucrânia, em 1986, o vazamento foi o maior de todos os tempos e mostrou a todo o mundo a necessidade de fechar todas as usinas nucleares em razão da total insegurança técnica em se lidar com essa fonte de energia. Seis anos depois, o acidente de Fukushima mostra a enorme escala dos desastres no meio ambiente e na saúde. Danos que são irreparáveis devido à radioatividade atômica. Dados da NOAA (Agência estadunidense para monitorar os oceanos) mostra que o desastre de Fukushima contaminou o maior oceano do mundo em apenas cinco anos. Se isso não fosse ruim o suficiente, Fukushima continua a vazar diariamente espantosas 300 toneladas de resíduos radioativos no Pacífico. E continuará a vazar radiação, indefinidamente. A fonte do vazamento não pode ser selada, pois está inacessível a seres humanos e robôs devido aos altos níveis de radiação e temperatura. Em partes do oeste do Canadá, cientistas mediram um aumento de 300% no nível de radiação. Fukushima transformou o Oceano Pacífico numa sopa radioativa.

fala POVO!

O "Fala Povo" é o espaço que você tem no Opinião Socialista para mandar a sua denúncia e a experiência de sua luta. Escreva curto e grosso para que todos possam ter um cantinho nesta seção. Garantiremos que todos os estados e regiões do país possam falar das injustiças e mostrar o caminho da luta. Envie para os contatos abaixo.

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 / Atividade Principal 91.92-8-00

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb 14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido, Romerito Pontes

DIAGRAMAÇÃO Romerito Pontes e Victor Bud

IMPRESSÃO Gráfica Mar Mar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista
São Paulo (SP) – CEP 01313-000

ABAIXO AS REFORMAS!

Fora Temer e todos os corruptos!

Passado o recesso parlamentar e judiciário, em que o governo tentou sinalizar para a burguesia e para o imperialismo que caminhava rumo a uma estabilização política e econômica, é possível sentir um enorme descontentamento contra o governo, as reformas e contra tudo isso que está aí. Um clima que lembra um pouco os dias que antecederam os protestos de junho de 2013.

A tentativa dos governos de promover ataques e retirada de direitos, enquanto todos sabem que esse governo é formado por bandidos, causa indignação e repulsa. Temer e o Congresso querem acabar com a as aposentadorias, rebaixar salários e proteger corruptos. A indicação de Alexandre de Moraes para o STF, filiado ao PSDB e advogado do PCC, deixou evidente que o objetivo do governo é acabar com a Lava Jato e proteger PMDB, PSDB e todos seus amigos citados na delação da Odebrecht. Ao mesmo tempo, cria-se um novo ministério para dar foro privilegiado a Moreira Franco, homem forte de Temer, citado 34 vezes numa única delação da Odebrecht.

As últimas pesquisas atestam o crescimento da indignação contra o governo, cujo nível de popularidade caiu ainda mais. Quase a metade (49,8%) consideram o governo ruim ou péssimo. Só 10,3% o consideram ótimo ou bom.

SITUAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL

O desemprego aumentou, e o poder aquisitivo dos salários e da renda diminuiu. Um setor da pequena burguesia está arruinado. O comércio fechou quase 109 mil lojas no ano passado e, nos últimos dois anos, fechou mais de 360 mil vagas de empregos diretos. Centenas de milhares de trabalhadores, além de terem perdido o emprego, não receberam o dinheiro da rescisão. Servidores dos estados e municípios não receberam 13º salário e estão recebendo os salários parcelados e atrasados. Enquanto isso, o festival de corrupção, roubalheira e privilégios continua rolando solto.

CRISE DAS POLÍCIAS

As greves das PMs no Rio de Janeiro e no Espírito Santo evidenciaram a profundidade da crise. Parte do aparato de repressão saiu do controle dos estados. Soldados, com mulheres à frente, colocaram em xeque a hierarquia. As greves podem se alastrar. As PMs são parte importante do aparato de repressão.

No Rio, além da luta da PM, há mobilizações radicalizadas contra a privatização da Cedae, estatal responsável por água e esgoto. A população apoia os trabalhadores e mais de 90% são contra a privatização. O "Fora Pezão" entrou na ordem do dia. E Pezão pode cair. É preciso ganhar as ruas com o "Fora Pezão" no Rio de Janeiro. É possível derrubá-lo pelas mãos do movimento de massas e colocar, também, o "Fora Temer" num patamar mais alto.

Há lutas e uma onda de indignação. Há, também, setores da pequena burguesia indignados. Os grupos reacionários, ligados até ontem ao PSDB e a Bolsonaro, querem fazer uma manobra, chamando esses setores a saírem às ruas para apoiar as reformas, além de suspostamente se colocarem a favor da Lava Jato.

Ora, como apoiar a Lava Jato e apoiar Temer e o PSDB ao mesmo tempo? É claro que ninguém deve ir nisso aí. Eles querem, na verdade, apoiar esse governo ladrão e detonar nossos direitos. Por isso, a CSP-Conlutas está chamando todo mundo a protestar nos dias 8 e 15 de março e dizer bem alto: fora Temer e todos eles!

Os atos do dia 8 de março podem surpreender e canalizar essa indignação. A Greve de Mulheres, convocada mundialmente, junta-se a esse clima que pode detonar grandes mobilizações.

Esse descontentamento generalizado precisa ser canalizado para uma greve geral que só não aconteceu ainda porque centrais sindicais como CUT e Força Sindical não querem convocar.

Infelizmente, por um lado, temos PT e PCdoB por baixo dos panos, dando apoio a Temer, PSDB, PMDB e DEM na operação salva-corrupto. Por outro, essas centrais sindicais também estão negociando as reformas. Os trabalhadores e os sindicatos de base não devem autorizar que ninguém negocie retirada de direitos em nosso nome. Os sindicatos de metalúrgicos filiados à Força Sindical estão repudiando as declarações de Paulinho e chamam a luta contra a reforma.

Vamos construir uma forte mobilização nos dias 8 e 15. Vamos às ruas exigir que as centrais parem todos os setores e que a CUT e a Força Sindical convoquem uma greve geral.

Forme um comitê no seu local de trabalho, no seu bairro, na sua escola para organizar esses dias de luta, para exigir que seu sindicato chame assembleia e organize paralisações no dia 15, para lutar contra o desemprego e defender a greve geral contra as reformas do governo, pelo "Fora Temer e todos os corruptos"!

Precisamos de um verdadeiro governo socialista dos trabalhadores que, ao contrário do PT, não governe com corruptos e banqueiros. Um governo dos trabalhadores, que organize os de baixo e governe por Conselhos Populares.

ENTREGUISTA

Temer vai liberar venda de terras para o capital estrangeiro

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Temer já mandou avisar que vai liberar a venda de terras para estrangeiros. Uma Medida Provisória poderá ser editada nos próximos dias no sentido de regulamentar a venda. A medida vai abrir o mercado rural a investidores de outros países.

Atualmente, a legislação brasileira limita o tamanho das terras adquiridas, que não poderiam ultrapassar 25% da superfície do município onde elas se encontram.

Em 2007, a quantidade de imóveis pertencentes a estrangeiros no Brasil era de 33,2 mil, ocupando uma área de 3,8 milhões de hectares, segundo os dados do Incra. Em 2008, o instituto contou 34 mil imóveis rurais no país, que somavam, à época, pouco mais de 4 milhões de hectares. Das áreas ocupadas por estrangeiros, 37% se localizavam no Centro-Oeste e 23% no Sudeste. Não por acaso, são as regiões com maior presença do agronegócio e dos monocultivos de cana de açúcar (São Paulo) e soja (Mato Grosso).

Michel Temer e Eliseu Padilha, ministro da Casa Civil

Provavelmente, o número de propriedades rurais nas mãos de estrangeiros é bem maior do que o registro do Incra. Além do tradicional uso de testas de ferro, de 2008 para cá, aumentou muito o interesse do capital estrangeiro em adquirir terras no país, principalmente a partir da ampliação da fronteira agrícola brasileira.

AMEAÇA À SOBERANIA

A liberação da venda de terra para estrangeiros traz sério risco à soberania nacional. Ao abrir a possibilidade de o capital estrangeiro controlar parcelas do território consideradas estratégicas para o país, a medida representa uma ameaça à nossa soberania hídrica, energética e alimentar.

Como a venda de terras caminha junto com a produção de *commodities* (matérias-primas voltadas para exportação), a produção de alimentos tende a diminuir, ao mesmo tempo em que fontes de energia serão usurpadas. Também pode gerar novas crises hídricas, uma vez que estimula maior apropriação da água pelo agronegócio e amplia a destruição de rios, nascentes e lagos.

NOVO SAQUE

Roubo de terras é promovido pelo capitalismo

O interesse do governo em liberar a compra de terras para estrangeiros não está separado de um amplo movimento do capital financeiro na aquisição de terras em larga escala. Algo que tem sido realizado, sobretudo, por corporações e fundos de investimento globais que já compraram milhões de hectares em territórios dos países mais pobres. Em inglês, esse fenômeno tem sido chamado de *land grabbing*, ou, simplesmente, "apropriação de terras".

A busca por terras cresceu em todo o mundo. Até 2008, dados do Banco Mundial mostram que a comercialização global de terras aumentou em 4 milhões de hectares por ano. Segundo o banco, já foram mais de 56 milhões de hectares agrícolas comercializados entre 2007 e 2008. A maior parte, 70%, está concentrada na África. Essa é uma tendência que é estimulada, principalmente, a parir da crise econômica mundial. Fundos de investimentos estrangeiros buscam a valorização de seus ativos com a compra de terras em todo o mundo.

No Brasil, a especulação de terras também cresceu. Em 2008, foi constituída a Radar Propriedades Agrícolas, cujo objetivo é especular com terras. Em 2016, a Radar já detinha aproximadamente 270 mil hectares de terras no valor declarado de R$ 5,2 bilhões.

MAIS ROUBO E FRAUDES

A liberação da venda de terras para estrangeiros terá um potencial explosivo. Dos mais de 850 milhões de hectares que compõem o território nacional, 228 milhões (26,8%) são terras devolutas, ou seja, terras públicas da União. Muitas dessas áreas foram apropriadas irregularmente por latifundiários e grileiros, a partir de fraudes cartoriais, e são vendidas, inclusive, para grandes empresários do agronegócio.

É o que aconteceu, por exemplo, com o Grupo Suzano Papel e Celulose que se apropriou de 42 mil hectares de terras públicas que abrangem 12 municípios maranhenses da região do Baixo Parnaíba. É o que acontece, também, na região do Matopiba – formada por parte dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia –, onde imensas áreas de terra devolutas foram simplesmente cercadas e vendidas por especuladores, inclusive pela Radar.

Onde avança o agronegócio, também avança a apropriação e o roubo de terras. A medida do governo vai ampliar mais esse saque, pois vai incentivar como nunca a especulação de terras e a corrida de companhias estrangeiras para a sua aquisição. E quem paga o preço são as populações que vivem da agricultura familiar, os indígenas e quilombolas, para quem a terra é fonte de vida e guardiã de riquezas e tradições culturais.

FORA TODOS ELES!

Governo, Congresso Nacional e STF juntos na operação abafa

DA REDAÇÃO

Só faltou o "Bessias". Lembra quando Dilma nomeou Lula ministro para blindá-lo de uma eventual prisão no ano passado? Pois agora Michel Temer fez a mesmíssima coisa para proteger seu braço direito, Moreira Franco. Recriou um ministério, a Secretaria-Geral da Presidência, apenas para garantir ao amigo o foro privilegiado.

Moreira Franco saiu do comando do Programa de Parcerias e Investimentos (PPI), espécie de secretaria de privatizações do governo, para o novo ministério e, com isso, só pode ser julgado pelo Supremo Tribunal Federal. Vai precisar, já que ele é citado 34 vezes na delação do ex-executivo da Odebrecht, Cláudio Melo Filho. Segundo o delator, Franco teria recebido propina enquanto ocupou o Ministério da Aviação em pleno governo Dilma.

A diferença é que, desta vez, Temer teve a ajudinha do STF. O ministro Celso de Mello, contrariando a decisão de Gilmar Mendes em relação a Lula, preferiu fechar os olhos à manobra indecente e disse: "está tudo certo". Ele rechaçou o mandado de segurança impetrado pela Rede e pelo PSOL com o argumento de que cabe só ao presidente nomear ou não seus ministros.

TEMER: LIBEROU GERAL

Para acabar de vez com essa história de ministro envolvido em corrupção cair (até porque seu governo acabaria por W. O. caso isso de fato ocorresse), Temer anunciou uma nova regra: ministro só vai ser demitido caso vire réu no STF. Como lembrou o colunista da Folha Bernardo Mello Franco, isso é uma verdadeira façanha. Em três anos de Lava Jato, só cinco políticos viraram réus na Suprema Corte.

RAPOSA NO GALINHEIRO

Alexandre de Moraes: indicado ao STF para livrar a cara do governo

Enquanto fechávamos essa edição, o então ministro da Justiça de Temer, Alexandre de Moraes, era sabatinado pelo Senado para ocupar a vaga do STF aberta com a morte de Teori Zavascki. Não é segredo para ninguém que Temer indicou Moraes para se safar da Lava Jato. Temer resolveu encarar o desgaste dessa nomeação absurda, o que revela seu desespero com o que virá com a divulgação do conteúdo da delação premiada dos 77 executivos da Odebrecht.

E é claro que os senadores vão avalizar Moraes. No dia 7 de fevereiro, o senador Wilder Morais (PP-GO) promoveu um encontro nada convencional no barco de luxo que mantém ancorado às margens do Lago Paranoá. A chalana "Champagne", conhecida em Brasília como "barco do amor", foi palco de uma noitada com Moraes e sete senadores da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), responsável pela sabatina.

QUEM É ALEXANDRE DE MORAES?

Promotor de Justiça do Ministério Público de São Paulo, Moraes entrou para a vida pública ao ser nomeado secretário de Justiça pelo governo Alckmin (PSDB) em 2002. Também integrou o governo Kassab como secretário municipal de Transportes. Após isso, foi advogar antes de voltar ao governo Alckmin.

Nesse meio tempo, Moraes se envolveu em ao menos dois casos controversos. O primeiro, revelado em 2015, foi o fato de ter advogado em 123 processos para uma cooperativa apontada como um braço da organização criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC). O segundo foi a defesa do então presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB) em ação por uso de documentos falsos.

Como secretário de Justiça de São Paulo, Moraes se notabilizou pela violência extrema com que a PM em seu comando reprimiu as manifestações contra o aumento da tarifa do transporte público. Sua PM também foi a que mais matou.

Já como ministro da Justiça, Moraes deu mostra de seu perfil autoritário em inúmeros casos e colecionou gafes que só não provocaram sua queda porque Temer deve ter motivos inconfessáveis para não bater de frente com ele.

PROGRAMA

Prisão e confisco dos bens de corruptos e corruptores

Governo Temer, Congresso Nacional e STF já não escondem mais as coisas. A operação abafa ocorre de forma escancarada. A prioridade é segurar esse governo, odiado pelas ruas, ao máximo, até conseguir aprovar as reformas exigidas pelos banqueiros.

Ao fazerem isso, estão brincando com fogo. A Justiça, vista até aqui pelo povo como neutra e imparcial, mostra-se tão corrupta quanto os políticos que julga. Esses escândalos podem fazer explodir a panela de pressão das ruas, que já fervilha por conta do desemprego, queda da renda, precariedade dos serviços públicos e crise dos estados.

É preciso tirar todos eles de lá. Exigir a prisão e o confisco dos bens de todos os corruptos. Seja do PT, seja do PSDB, PMDB etc. E estatizar, sem indenização, as empresas envolvidas em corrupção, colocando-as sob controle dos trabalhadores.

FORÇAS ARMADAS

É preciso apoiar a greve das PMs e org

Greves e mobilizações de policiais militares escancaram crise nas forças de segurança

ASDRÚBAL BARBOZA,
DE SÃO PAULO (SP)

A mobilização dos policiais militares e os massacres carcerários mostram a profundidade da crise da Segurança Pública em nosso país. No Espírito Santo, o governador teve de passar o comando das Forças de Segurança diretamente para o general do Exército, Mauro Sinott, que usou tropas que participaram de operações de contenção de população civil nos Jogos Olímpicos e no Haiti. Por outro lado, a onda de saques, roubos e mortes deixou a população atônita frente a essa situação, sem saber o que fazer.

As mobilizações dos militares do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e outros estados são a demonstração viva de uma crise institucional que chegou inclusive às Forças Armadas. Afinal, a Polícia Militar é um dos principais componentes do Estado capitalista. São subordinadas a ele e estão na linha de frente da repressão e contenção da população. Por isso, são absolutamente justas as reivindicações dos policiais em greve e devem ser apoiadas pelo conjunto dos trabalhadores e suas entidades.

HISTÓRIA DA PM

Uma polícia criada para a guerra

A Polícia Militar foi criada pela ditadura militar e mantida após o seu fim. Descrita pela Constituição de 1988 como força de reserva e auxiliar do Exército Brasileiro, a PM é um braço das Forças Armadas treinado para combater e matar o que chamam de inimigo interno.

No passado, os inimigos eram os guerrilheiros que lutavam contra a ditadura. Hoje, são os trabalhadores que lutam contra a exploração e a população negra e pobre da periferia.

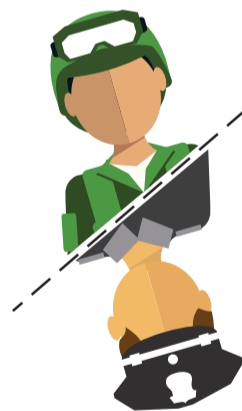
Nem sempre a PM existiu. O policiamento era realizado por guardas civis, Polícia Civil e Força Pública. Assim como em muitos países, civis são encarregados de policiamento e investigação policial: Gendarmerie Nationale na França; Carabinieri na Itália; Guardia Civil na Espanha; e Guarda Nacional Republicana em Portugal. Nos Estados Unidos, na maioria dos estados, os condados elegem xerifes, responsáveis pelo policiamento.

CRISE

A Policia Militar de São Paulo, com seus 100 mil soldados, é a maior força militar da América Latina depois do Exército brasileiro, cujo efetivo é de 220 mil membros. No total, os militares na ativa somam 327 mil. Esse número é inferior aos, aproximadamente, 450 mil policiais militares em todo o Brasil.

Esses números mostram que a crise da Policia Militar não é apenas circunstancial. Um dos aspectos dessa crise é o desprestigio dessa instituição frente à população. Para se ter uma ideia, em 2015, 62% dos moradores de cidades com mais de 100 mil habitantes tinham medo de sofrer agressões da PM. Em 2012, 48% dos entrevistados relataram esse mesmo temor segundo pesquisa realizada pelo Datafolha e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. A maioria é composta por jovens, pobres, pretos e moradores do Nordeste.

A maioria dos próprios agentes de segurança pública defendem que as polícias deveriam ser organizadas em carreira única, integrada e de natureza civil (veja ao lado).

O que a polícia PENSA DA POLÍCIA

73,7%
Dos agentes de segurança pública concordam com a retirada das polícias militares e do corpo de bombeiros do âmbito de forças auxiliares do Exército

93,7%
Querem a modernização dos regimentos, o que inclui a regulamentação do direito de greve, mudanças nos códigos disciplinares e um trabalho mais direcionado à "cidadania"

63,6%
Defendem o fim da Justiça Militar

76,1%
Dos policiais militares defendem o fim do vínculo com o Exército

Fonte: pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas e Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp).

ganizar a autodefesa da população

AUTODEFESA POPULAR

Para não ficar refém de criminosos

A outra lição que temos de extrair é que os trabalhadores e as comunidades precisam organizar a sua própria autodefesa para não ficarem na dependência dos aparatos deste Estado que existe simplesmente para reprimir os trabalhadores e a população pobre e negra da periferia. Isso deve ser feito por meio de Conselhos Populares que podem ser criados nos bairros em que vivem os trabalhadores. Assim, a população não fica à mercê dos saques, roubos e assassinatos cometidos por criminosos.

PROGRAMA

Como desmilitarizar a PM

O país vive uma conjuntura de aumento de lutas e greves. Os governos, o Poder Judiciário e a polícia enfrentam essas mobilizações com criminalização e repressão. Em todo o país, ativistas foram detidos e indiciados. É preciso acabar com a criminalização das lutas, da pobreza e da negritude. Lutar não é crime. Ser pobre também não.

É necessário acabar com as polícias atuais, educadas na violência, no racismo e na defesa dos patrões e da propriedade privada capitalista.

É necessária a extinção da tropa de choque e de toda polícia de repressão aos movimentos sociais. Precisamos de uma polícia civil unificada, que defenda os interesses dos pobres e dos bairros da periferia, controlada pelas comunidades por Conselhos Populares e suas entidades de classe. Essa polícia teria uma estrutura interna democrática, com eleição dos seus delegados e comandantes pela população, com direito a sindicalização, greve e salários dignos. É isso que significa a desmilitarização da Polícia Militar. É a quebra da atual hierarquia militar, o desligamento do Exército. Uma polícia formada por funcionários públicos a serviço dos trabalhadores.

Isso permitirá a todos os policiais a possibilidade de construir sindicatos e associações, além do direito a voto e a eleger os comandos da polícia. Mas, mais importante, que eles tenham o direito à greve, que hoje é considerada rebelião.

Com isso, iniciaríamos a destruição do aparato militar e repressivo que tem como seu principal objetivo servir aos grandes patrões.

POLÊMICA

A tradição da esquerda marxista

RITO ROMAN,
DO RIO DE JANEIRO (RJ)

Um debate tomou conta da esquerda nas últimas semanas: como se posicionar diante da greve das forças de segurança?

A posição clássica dos revolucionários socialistas oferece algumas pistas. Nas teses da III Internacional, entre as famosas "21 condições" para a filiação de partidos à Internacional Comunista, existe a tese número 8 que afirma: *"O dever de propagar as ideias comunistas inclui a necessidade especial da propaganda persistente e sistemática nos exércitos. Nos lugares onde as leis de exceção proíbem essa agitação, ela deve ser realizada clandestinamente. Renunciar a essa tarefa equivale a trair o dever revolucionário e desmerecer a filiação à III Internacional"*.

Tais condições eram extremamente rígidas, pois tinham como objetivo a demarcação absoluta com as organizações reformistas e centristas oriundas ou influenciadas pela II Internacional socialdemocrata.

Por que a III Internacional era tão categórica quanto ao trabalho dos comunistas nas Forças Armadas? Simplesmente porque sem crise, divisão ou pelo menos uma fissura nos aparatos militares contrarrevolucionários do Estado burguês, não existe revolução vitoriosa. Falar em revolução sem essa prerrogativa é idealismo e romantismo.

Leon Trotsky, organizador do Exército Vermelho

COMO FOI NA REVOLUÇÃO RUSSA

A Revolução Russa, que completa seu centenário em 2017, foi marcada por essa característica. O tema da paz e a retirada da Rússia da Primeira Guerra Mundial encabeçava a famosa reivindicação de "Paz, Pão e Terra" agitada pelos bolcheviques. Lênin, nas Teses de Abril, afirma: *"O Soviet dos Deputados Operários e Soldados é o embrião do governo operário, o representante dos interesses de todas as massas mais pobres da população, isto é, de nove décimos da população, que se esforça para conseguir a paz, o pão, a liberdade"*.

Alguns ativistas honestos partem de uma premissa real, mas acabam chegando a uma conclusão equivocada. De fato, os policiais militares são parte de instituições que reprimem o povo e têm como objetivo o controle social. Daí concluem que a greve desses setores tem um caráter reacionário. Lenin responde a essa questão em O Exército e a Revolução (1905): *"As reivindicações dos soldados-cidadãos são as da socialdemocracia e de todos os partidos revolucionários, dos operários conscientes. O ingresso dos soldados nas fileiras dos partidários da liberdade, sua passagem para o povo, assegurará, com o triunfo das suas próprias reivindicações, a vitória da causa da liberdade"*. Lenin propunha que se vinculasse às reivindicações básicas levantadas pelos soldados as reivindicações do "soldado-cidadão". Ele defendia: *"direito de frequentar reuniões públicas em uniforme 'igual a todos os cidadãos'; liberdade de consciência; igualdade de direito; abolição da regra de render homenagem fora de serviço; supressão dos tribunais militares e jurisdição civil para todos os crimes e delitos militares; direito de apresentar demandas coletivas; direito de se defender diante da menor violência ou veleidade de um oficial"*.

ASCENSO FASCISTA?

Entre algumas correntes do PSOL, encontramos dirigentes mais exaltados que vão além e postam nas redes sociais que as greves são parte de um suposto ascenso fascista ou de uma onda conservadora, que teriam varrido o país desde o impeachment de Dilma. Nada mais falso.

Na luta de classes, é preciso lutar com um dos lados: ou se está com os policiais grevistas (entre eles os que desertaram durante os conflitos) ou se está com os poderosos como os governos de Pezão (RJ), Paulo Hartung (ES) e os oficiais privilegiados que perseguem os soldados que lutam pelos seus direitos.

A história está repleta de episódios que exigem dos revolucionários uma posição no que se refere às rebeliões e crises dos aparatos militares. Para os trabalhadores vencerem, é preciso apostar na divisão das Forças Armadas.

REFORMA DA PREVIDÊNCIA

Mafiosos não vão roubar nossa a
Vamos todos parar no dia 15 de

Centrais definem dia 15 de março como Dia Nacional de Lutas e Paralisações

DA REDAÇÃO

Al Capone, o lendário gângster norte-americano que virou tema de inúmeros filmes, ficaria com inveja. O governo Temer está se revelando uma verdadeira máfia repleta de bandidos de alta periculosidade. Mas, no caso, eles não querem só dinheiro. Querem sua aposentadoria e seus direitos trabalhistas.

Não é por menos que Temer indicou seu próprio ministro da Justiça, a figura sinistra de Alexandre de Moraes, para a vaga do Supremo Tribunal Federal (STF) aberta com a morte de Teori Zavascki. Ele quer blindar seu governo diante das denúncias que apareceram e, principalmente, as que vão aparecer ainda no escândalo da Lava Jato. Por isso, também criou um ministro para dar foro privilegiado a seu braço-direito no governo, Moreira Franco.

Todos eles são denunciados ou citados na Lava Jato e contam já com uma ficha corrida de deixar qualquer bandido no chinelo. Atuam em duas frentes: por um lado, tentam se blindar contra a Lava Jato e escapar da cadeia; por outro, tentam aprovar as reformas exigidas pelos banqueiros e pelo imperialismo: a reforma da Previdência, que vai exigir que você trabalhe por 49 anos para se aposentar, e a reforma trabalhista, que acaba com direitos básicos.

> De cada dez pessoas, só uma apoia esse governo

FORA TEMER! FORA TODOS ELES!

A população e os trabalhadores não estão assistindo a tudo isso de forma passiva. À luta contra o pacote de maldades contra os servidores no Rio de Janeiro, uniu-se um forte movimento de greve de policiais no Espírito Santo. Isso desatou um movimento parecido de PMs no próprio Rio. Em Florianópolis, os servidores estão parados desde o dia 17 de janeiro numa das mais longas greves da categoria.

Já a popularidade do governo Temer desce ladeira abaixo. Apenas 10,3% das pessoas aprovam esse governo, índice abaixo do de Dilma antes do impeachment. Isso significa que, em cada 100 pessoas, só dez apoiam o governo. Se Temer já era um governo fraco, sem base social e fortemente questionado, agora mais do que nunca vai fervilhando um ódio crescente a ele.

Isso mostra que é necessário e possível lutar e derrotar essas reformas e, nisso, derrotar o próprio governo. Para isso, é preciso unificar as lutas e mobilizar a população contra Temer e o Congresso. Tirar todos de lá e botá-los onde é seu lugar: na cadeia.

MÃOS À OBRA

É preciso realizar um grande dia de paralisação rumo à greve geral

Após um seminário realizado entre os dias 7 e 8 de fevereiro, no qual as principais centrais se posicionaram contra a reforma da Previdência, foi marcado um dia nacional de lutas e paralisações para 15 de março.

"A CSP-Conlutas vinha, há muito tempo, afirmando a necessidade de termos um dia de greve geral, e o fato de ter fechado o dia 15 de março é bastante positivo, porque, pela primeira vez nesse ano, nós temos uma data unificada de todas as centrais contra a reforma da Previdência", afirma Luiz Carlos Prates, o Mancha, da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas.

Para Mancha, não basta fechar uma data. É necessário colocar em prática esse dia de paralisações, mobilizando todas as categorias e parando onde for possível. *"No próprio dia 15, professores de todo o país vão entrar em greve por tempo indeterminado. Os servidores públicos também vão paralisar em vários lugares, mas é necessário que, na base de todas as centrais, haja paralisações, é necessário parar os transportes, metalúrgicos, químicos, bancários, é preciso uma grande paralisação geral para derrotar essa reforma"*, reafirma.

Além disso, Mancha lembra que é preciso realizar assembleias na base de todas as centrais, em bancos, fábricas, para que os trabalhadores discutam a reforma e se organizem para o dia 15.

DIREITO NÃO SE NEGOCIA

Infelizmente, ao mesmo tempo em que sai um dia nacional de luta unificado, as direções de algumas centrais tentam negociar pontos da reforma da Previdência no Congresso Nacional. O mesmo Congresso enrolado na Lava Jato e que vem aprovando a rodo medidas contra os trabalhadores.

"Não é possível nesta reforma, que visa desmontar a Previdência, fazer qualquer tipo de negociação com o governo. Então, as centrais que tentam negociar a redução do tempo de contribuição de 49 anos ou a idade para se aposentar para as mulheres, discutindo essas migalhas têm uma postura completamente errada. Temos de lutar contra ela de cima a baixo", afirma Mancha.

O QUE PREVÊ A REFORMA DA PREVIDÊNCIA

GOVERNO QUER QUE VOCÊ TRABALHE ATÉ MORRER

- Aposentadoria integral só com 49 anos de contribuição
- Idade mínima de 65 anos (fim da diferença entre homens e mulheres)
- Tempo mínimo de contribuição para se aposentar passa de 15 para 25 anos
- Desvinculação das pensões do salário mínimo

aposentadoria!
março!

BORA LÁ

O que eu posso fazer para ajudar a organizar o 15 de Março?

1 CONVERSE COM SEUS COLEGAS DE TRABALHO E FAMILIARES SOBRE A REFORMA

A reforma da Previdência é um ataque tão duro e descarado que é muito difícil que um trabalhador que conheça seus pontos não seja contra ela. É preciso informar, mostrar que é mentira o que o governo fala na televisão e, por fim, convidar todos para a mobilização no dia 15 de março.

2 VOCÊ PODE ENCONTRAR MATERIAIS SOBRE O TEMA NA CSP-CONLUTAS DE SUA REGIÃO

Organize um comitê de luta contra a reforma. Pode ser no seu local de trabalho, repartição, escola, universidade ou bairro. Esse comitê pode servir para informar o maior número de pessoas possível sobre o real sentido dessa reforma e organizar atividades como panfletagens nos bairros.

3 COBRE DE SEU SINDICATO

Todas as centrais sindicais aprovaram o dia 15 como Dia Nacional de Lutas e Paralisações. Portanto, se você não viu nenhum informativo de seu sindicato sobre o tema, cobre de seus diretores. Exija a realização de assembleia para que os trabalhadores debatam o tema e decidam o que fazer no dia 15.

QUADRILHA

Raposa tomando conta do galinheiro

Carlos Marun e Eduardo Cunha

Na semana em que fechávamos essa edição, a Câmara acabava de instalar a comissão que vai encaminhar a reforma da Previdência no Congresso. Sabe quem vai comandar isso? O deputado Carlos Marun (PMDB-MS) foi eleito o presidente da comissão. Marun foi o único deputado que teve coragem de defender o bandido Eduardo Cunha quando este enfrentava processo de cassação do mandato. Também foi pego visitando Cunha na cadeia em Curitiba com dinheiro público.

Já a relatoria ficou nas mãos do deputado Arthur Maia (PPS-BA). Esse senhor teve sua campanha financiada por planos privados de Previdência. Recebeu R$ 300 mil da Bradesco Vida e Previdência, além de dinheiro do Itaú, do banco Safra e do Santander.

São esses bandidos, financiados pelos banqueiros que se beneficiarão com a reforma, junto com Temer e o Congresso Nacional metido na Lava Jato, que querem roubar o seu direito à aposentadoria.

FORA TEMER! FORA TODOS ELES!

Trabalhadores devem governar através de conselhos populares

As reformas da Previdência e trabalhista são o aprofundamento de um mesmo programa aplicado pelos governos do PT: jogar a crise nas costas dos trabalhadores para manter e ampliar os lucros de banqueiros e grandes empresas. Querem nos fazer trabalhar mais recebendo menos para que lucrem cada vez mais.

É preciso unificar as lutas que estão ocorrendo e colocar em marcha uma grande mobilização contra as reformas. É preciso uma greve geral que pare de fato o país. Essa mobilização é o caminho para que a gente derrote esses ataques e derrube esse governo. Tirar essa corja de ladrões da Presidência e do Congresso Nacional é uma necessidade da classe trabalhadora.

Mas o que colocar no lugar? Lula e o PT já estão organizando a campanha para que ele volte em 2018. O PT não é contra as reformas de verdade. Eles querem que Temer aplique essas medidas, se desgaste com elas, deixando o caminho livre para voltarem ao governo. Vai tudo continuar a mesma coisa e continuaremos pagando por essa crise.

Precisamos tirar todos de lá e garantir uma saída operária e socialista a esta crise. Só podemos fazer isso com um governo socialista dos trabalhadores, apoiado não por um Congresso corrupto bancado pelas empreiteiras, mas pelos próprios trabalhadores, organizados em conselhos operários nos locais de trabalho, moradia, estudo etc.

CRISE DOS ESTADOS

Por que os estados estão falidos?

Além da corrupção, o pagamento da dívida é a principal razão pela qual os serviços públicos estão à míngua nos estados

DIEGO CRUZ
DA REDAÇÃO

No Rio de Janeiro, servidores estaduais têm o 13º e os salários atrasados e parcelados. Em oito estados, os salários estão atrasados, situação mais grave em estados como Rio Grande do Sul e Minas Gerais. A greve dos PMs no Espírito Santo trouxe à tona, de forma dramática, a chamada crise nos estados, justamente naquele que era então o modelo de responsabilidade fiscal.

A situação do Rio de Janeiro é exemplar. O estado sofreu com a queda da arrecadação provocada pela baixa no preço do petróleo. A corrupção também exerce um papel importante se considerarmos que só o esquema comandado por Sérgio Cabral desviou algo como R$ 224 milhões, assim como a desoneração às empresas. Mas o que une a crise nos estados?

A DÍVIDA

A verdadeira causa que está deixando os estados sem dinheiro para sequer pagar os servidores é a mesma que faz com que o governo federal aplique um duro ajuste fiscal e que esteja, agora, tentando impor a reforma da Previdência: a dívida paga aos banqueiros. Menos falada que a dívida da União, a dívida dos estados seguiu a mesma tendência. Começou nos anos 1970, quando a ditadura incentivou os estados a buscarem recursos externos para se financiarem. Esse aspecto é muito nebuloso e não se conhece sequer os credores, mas Maria Lúcia Fatorelli, da Auditoria Cidadã da Dívida, lança a tese de que, sendo a ditadura mediadora desses empréstimos, ela os direcionava a programas e ações de seus interesses.

Nos anos 1980 e, principalmente, 1990, com os juros nas alturas, essa dívida explodiu. A situação ficou insustentável, e FHC foi obrigado a refinanciar. Mas o que ele fez? Em troca de ajuda, forçou os estados a seguirem sua política neoliberal. Obrigou os estados a aderirem a um rígido ajuste fiscal, com a privatização de bancos estaduais e, mais que isso, fez com que os estados assumissem parte das dívidas dos bancos endividados como parte do Programa de Redução da Presença do Estado na Atividade Bancária (PROES). Segundo Fatorelli, essa parte representaria 55% do montante da dívida dos estados. Como se isso tudo não bastasse, o governo federal aplicou um índice de atualização maior que os demais (IGP-DI).

Segundo estudo de Josué Pellegrini, "Dívida Estadual", a dívida de estados e municípios triplicou entre 1989 e 1998, passando de 5,8% para 14,4% do PIB, representando 39% de todo o endividamento público. Ou seja, se antes os estados eram financiados pela União, com o tempo essa situação se inverteu e são os estados que passaram a bancar o governo federal.

O que aconteceu a partir daí? Tal como ocorre com o governo federal, quanto mais pagam, mais os estados devem. Segundo estudo do auditor João Pedro Casarotto, os estados já pagaram à União R$ 277 bilhões, mas devem ainda R$ 476 bilhões. Tal como ocorre com o Orçamento da União, paga-se juros sobre juros numa dívida que só cresce.

Acima, faixa dos servidores públicos do Rio denunciando as isenções fiscais concedidas às grandes empresas; abaixo, Exército nas ruas do Espírito Santo

QUE OS RICOS PAGUEM

Os trabalhadores não podem pagar por essa crise

Servidores públicos do Rio de Janeiro protestam em frente à Assembleia Legislativa do Estado.

A crise que explode hoje nos estados é reflexo direto da crise econômica que atinge o país e o mundo. Com a economia retraindo, cai a arrecadação, e o Orçamento encolhe. Diante do pagamento da dívida e da manutenção de escolas, postos de saúde e pagamento de servidores, a escolha é óbvia.

No final do ano passado, o Congresso Nacional aprovou o PLP 257, que estabelece condições ainda piores para a prorrogação dos prazos para o pagamento das dívidas à União e estabelece um brutal corte de gastos, privatizações, ataque à Previdência dos servidores e arrocho. Por isso a pressão para que o governo Pezão privatize a empresa de água no Rio, a Cedae, em troca da renegociação da dívida.

Mas aqui não se trata somente da subordinação dos estados ao governo federal. Assim como ocorre em relação ao governo Temer e aos banqueiros internacionais, estão todos juntos nessa política que joga o peso da crise nas costas dos trabalhadores e dos mais pobres. Não é uma questão, tampouco, de má administração, como repetem os analistas, mas sim, ao lado da corrupção, da aplicação consciente de uma política que pretende arrebentar o setor público.

O mecanismo da dívida nos estados funciona da mesma forma que a dívida da União aos banqueiros. Nesse momento, os estados deixam de pagar os servidores para pagar a União que, por sua vez, paga os banqueiros. É um duto pelo qual escoa a riqueza produzida pelos trabalhadores no país.

Assim como temos de impor o fim do pagamento da dívida, que consome quase 50%, do orçamento da União aos banqueiros, temos de exigir o não pagamento da dívida dos estados para que se pague os servidores e se invista em saúde, educação, moradia etc.

REUNIÃO DA CSP-CONLUTAS

Organizar a luta para derrotar as reformas da Previdência e trabalhista

DA REDAÇÃO

Entre os dias 3 e 5 de fevereiro, a CSP-Conlutas realizou, em São Paulo (SP), uma vitoriosa e importante reunião para todos aqueles que estão na luta contra os ataques do governo Temer. Com uma participação extremamente representativa (veja ao lado), a reunião e o Seminário Nacional sobre a Reforma da Previdência, realizado no dia 4, prepararam um calendário de luta para o próximo período.

Os debates iniciaram com uma polêmica discussão sobre o momento que o país atravessa. A mesa, formada por José Maria de Almeida (PSTU), Plínio de Arruda Sampaio Jr. (economista da Unicamp e dirigente do PSOL) e Valerio Arcary (MAIS), mostrou diferentes compressões sobre a conjuntura e foi seguida por um polêmico e rico debate entre os participantes do plenário.

Apesar das diferenças, a maioria das falas ressaltou a importância de as entidades realizarem uma luta unitária e sem tréguas contra os ataques do governo Temer. Foi destacada a importância de mobilizar as bases das categorias no sentido de construir uma forte pressão sobre centrais sindicais como a CUT, a CTB e a Força Sindical e exigir delas a convocação de uma greve geral.

SEMINÁRIO

O segundo dia foi dedicado a um seminário aberto contra a reforma da Previdência, com a presença de representantes de entidades de classe, advogados, juristas e docentes especializados no tema. Entre os palestrantes, estiveram representantes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), da Associação Nacional de Auditores Fiscais da Receita Federal (Anfip), da Auditoria Cidadã da Dívida, da Associação Brasileira de Advogados Trabalhistas (Abrat), da Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (Cobap), além de intelectuais, como Sara Granernann, e juristas como Soto Maior e Cesar Brito. Participaram, também, representantes do Movimento Mulheres em Luta (MML) e representantes da CSP-Conlutas.

As mesas proporcionaram um debate de alto nível sobre a reforma da Previdência. A qualidade técnica das informações e os argumentos apresentados por especialistas serviram para subsidiar o debate e desmontar o falso argumento de Temer e seus lacaios de que a Previdência é deficitária. As mais diferentes origens e concepções apresentadas pelos participantes mostraram que há possibilidade de uma ampla campanha unitária para derrotar as reformas.

RAIO-X DA REUNIÃO

378 pessoas cadastradas

129 delegados

121 entidades representadas, entre sindicatos e federações, minorias de entidades e oposições, movimentos populares urbanos e do campo, juventude e movimentos de luta contra as opressões

650 participantes no Seminário sobre a Reforma da Previdência

SETA

Em meio ao debate sobre a reforma da Previdência, uma delegação de trabalhadores do supermercado atacadista Seta, que ocuparam uma unidade do grupo na Zona Sul de São Paulo, compareceu ao seminário para dar seu recado.

Além de agradecerem pelo apoio político, os trabalhadores do Seta apresentaram suas demandas e cantaram um rap sobre sua luta, composto por Kauã Cavaalliny. Em pouco tempo, as entidades presentes realizaram uma coleta financeira solidária que somou R$ 1.500 para o fundo de greve dos trabalhadores.

LUTA NA BASE

Campanha pela greve geral

No dia seguinte ao seminário, a reunião da central votou sua principal resolução: a campanha pela greve geral contra as reformas da Previdência e trabalhista. Como parte desse processo, a central buscará organizar comitês estaduais e regionais de luta contra as reformas.

A campanha busca armar os ativistas contra as reformas, ao mesmo tempo em que procura a unidade de ação junto com a CUT, a Força Sindical e a CTB, entre outras centrais, por uma data unificada de mobilização, greve e paralisação, combinada com a construção de uma forte campanha na base das categorias pela construção da greve geral. A resolução ressalta a necessidade de *"uma luta nas bases para que elas possam ser motor para impulsionar e pressionar as direções a romper com o corporativismo, com os patrões e os governos"*. Nesse sentido, a mobilização para o Dia Nacional de Mobilização, no próximo dia 15, ocupa um papel preponderante, assim como as mobilizações do 8 de Março, na construção de uma greve geral unitária.

"Nossos esforços para a construção da unidade de ação não têm sido capazes de juntar amplos segmentos da classe trabalhadora, em torno da pauta contra a retirada de direitos. Por isso consideramos que um dos nossos desafios para o próximo período é seguir intensificando a exigência às centrais, mas avançar para outros segmentos, não limitando a construção da unidade de ação a articulação com as direções das centrais sindicais, mas também buscar formas de inserção nas bases das diferentes categorias para apontar as contradições e potencializar as insatisfações com a política econômica e social. Isso exige de nós, construir unidade de ação com outros setores organizados da classe trabalhadora, que hoje não estão expressos nas centrais sindicais, ampliando nosso arco de alianças táticas para barrar a retirada de direitos", explica a resolução.

DEBATE

Confira o debate sobre a situação do país realizado na reunião nacional da Coordenação Nacional da CSP-Conlutas. Estiveram na mesa José Maria de Almeida (PSTU), Plínio de Arruda Sampaio Jr. (economista da Unicamp) e Valério Arcary (MAIS).

HTTPS://YOUTU.BE/1KDECR0ZG8G

CALENDÁRIO DE MOBILIZAÇÃO

8 DE MARÇO

Dia Internacional de Luta da Mulher Trabalhadora contra a violência, contra a reforma da Previdência. Pelo Fora Temer, Fora Trump!

15 DE MARÇO

Dia nacional de lutas com greves, mobilizações e protestos na perspectiva de construção da greve geral

100 ANOS DA REVOLUÇÃO RUSSA

Um 8 de Março para ser lembrado

Greve de operárias têxteis na data deu início à Revolução Russa

ANA GODOY
DE CONTAGEM (MG)

A fome e a miséria transformaram a vida dos trabalhadores russos num verdadeiro calvário no ano de 1917. Desde o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, a piora na vida dos operários, que já era muito dura devido às condições do país, produziu um efeito devastador para o czarismo: a ideia da revolução apossou-se do coração dos trabalhadores!

Apesar da compreensão mais generalizada da necessidade de dar um basta nas mazelas da vida, no início de 1917 ainda não estava nítida a possibilidade de derrubar o governo. Os trabalhadores se radicalizavam em lutas e greves contra a piora nas condições de vida, mas ainda não havia começado o movimento da máquina da revolução. No entanto, naquele 8 de março, as portas da mudança se abriram, e quem mostrou o caminho foram as mulheres trabalhadoras.

Protesto de trabalhadoras da indústria têxtil.

O 8 de março já havia sido transformado em um Dia Internacional de Luta das Mulheres Trabalhadoras e, nos anos anteriores, grandes mobilizações tomaram conta da Europa, fruto do acirramento da luta causado pela guerra. Assim, alguma movimentação política já era esperada para esse dia, não apenas na Rússia, mas em outros países. Porém o que se passou extrapolou em muito as expectativas. As trabalhadoras da indústria têxtil deflagraram uma greve de enormes proporções e saíram em marcha pelas ruas da cidade de Petrogrado, revindicando pão, pois não suportavam mais a fome. Os demais trabalhadores não esperavam um movimento grevista para aquele dia. No entanto, seguiram o exemplo daquelas mulheres e aderiram ao movimento. Era 23 de Fevereiro de 1917 no calendário bizantino Russo, mas no restante da Europa era 8 de março.

A mobilização das mulheres deu início à grande Revolução Russa. Nos dias que seguiram, o Czar Nicolau II foi derrubado. Essa foi a primeira cena da revolução que abriu caminho para a primeira revolução vitoriosa do operariado. Nos dizeres da militante bolchevique Alexandra Kollontai, *"O Dia das Mulheres Trabalhadoras de 1917 tornou-se memorável na história. Nesse dia, as mulheres russas ergueram a tocha da revolução proletária e incendiaram todo o mundo. A revolução de fevereiro se iniciou a partir desse dia."*

CONQUISTAS

A revolução e as mulheres

A Revolução Russa garantiu direitos civis às mulheres trabalhadoras, que passaram a ter os mesmos direitos políticos que os homens, conquistas que nenhum Estado burguês havia garantido a elas. O caminho para a emancipação das mulheres estava sendo construído a partir da ditadura do proletariado, e aquelas trabalhadoras têxteis foram parte fundamental desse processo. Por isso, o 8 de março passou a ser o dia de relembrar, não apenas do poder revolucionário da mobilização daquelas mulheres, mas também de reforçar a necessidade de uma revolução operária no processo de libertação das mulheres.

Em outubro de 1917, os bolcheviques lideraram os soviets na tomada do poder. Os primeiros anos da revolução garantiram um avanço histórico para as lutas das mulheres, com o direito ao divórcio, ao aborto e ao salário igual ao dos homens, enquanto restaurantes, lavanderias e creches comunitárias atacavam as bases da escravidão do trabalho doméstico.

Em 1918, entrou em vigor um novo Código Civil, suprimindo todos os direitos dos homens sobre as mulheres. Assim, o marido não podia mais impor à mulher o seu nome, nem seu domicílio, nem sua nacionalidade e ficava assegurada a mais absoluta paridade de direitos entre marido e mulher. Em 1920, as mulheres conquistaram o direito ao aborto legal e gratuito nos hospitais do estado. A primeira Constituição da República Soviética, de julho de 1918 deu à mulher o direito de votar e ser eleita para cargos públicos.

Cartaz celebra a "vida nova" inaugurada com a Revolução de Outubro; restaurantes populares e creches permitiam às mulheres participar ativamente das comissões de fábrica

LIÇÃO

Um feito sem precedentes

No entanto, nos anos seguintes à revolução, após a acensão de Stalin ao poder, muitas dessas conquistas retrocederam. O stalinismo impôs uma contrarrevolução burocrática em todos os níveis, e o 8 de março passou a ser um dia de exaltação da família e da pátria soviética.

Se a Revolução Russa não conseguiu conquistar a plena emancipação da mulher e o stalinismo fez retroceder essa tarefa, isso não se deveu a um problema da revolução ou do socialismo que, a rigor, não chegou a ser posto à prova.

A revolução trouxe para a mulher enormes conquistas que a fizeram saltar de uma situação de degradação e opressão brutal para o que havia de mais avançado em termos de conquistas políticas e sociais. Por outro lado, a revolução desfez o tabu da inferioridade feminina e a ideia de que a opressão da mulher pode acabar no capitalismo.

Infelizmente, após 100 anos, nenhuma outra experiência em toda história conquistou tantos direitos para as mulheres em tão curto espaço de tempo. Até hoje, nenhum país capitalista – por mais avançado que seja – possui medidas que colocam efetivamente as mulheres em igualdade de condições com o homem como as leis que foram promulgadas na jovem república soviética.

Isso porque, diferentemente da sociedade capitalista, a construção de uma economia coletiva e socialista exigia que fosse assim. O problema histórico da opressão da mulher não apenas se mantém como se aprofunda. As bases para sua superação definitiva só podem ser construídas com o fim do capitalismo.

PREVIDÊNCIA

Organizar as mulheres trabalhadoras para barrar a reforma da Previdência

ÉRIKA ANDREASSY, DA SECRETARIA DE MULHERES DO PSTU

No dia 9 de fevereiro, o relator da reforma da Previdência no Congresso, o deputado Arthur Maia (PPS-BA), deu uma declaração revoltante ao jornal The Huffigton Post. Disse que a mulher que não casa não deveria se aposentar antes dos homens. Se a reforma da Previdência de Temer já é praticamente uma declaração de guerra às mulheres, com essa fala, o deputado conseguiu botar mais lenha na fogueira.

O governo tenta convencer a população de que não existe motivo para as mulheres se aposentarem mais cedo e tem usado, para isso, uma série de argumentos. Diz, por exemplo, que as mulheres estão vivendo mais que os homens e, se aposentando mais cedo, tendem a custar mais para a Previdência. Dizem, também, que a ampliação da participação na força de trabalho leva, naturalmente, à redução das desvantagens das mulheres na sua remuneração e nas condições de trabalho. Tudo isso é uma grande mentira. E quer saber por quê? Porque o machismo naturalizado na sociedade impões às mulheres condições muito mais precárias e difíceis no mercado de trabalho.

O GOVERNO MENTE

Só para citar alguns exemplos, a renda das mulheres equivale a 76% da renda dos homens, sendo que o rendimento da mulher negra é bem mais baixo, menos de 40% do que ganha um homem branco. As possibilidades das mulheres de assumirem cargos de chefia ou direção também são menores. Enquanto entre os homens com mais de 25 anos, 6,2% ocupam posições de chefia, entre as mulheres da mesma faixa etária esse percentual é de 4,7%. Nesses cargos, fazendo a mesma coisa, o salário das mulheres equivale a 68% do salário dos homens.

Ainda tem a dupla jornada, que faz com que muitas trabalhadoras aceitem buscar empregos em tempo parcial. Por isso, a jornada semanal das mulheres nas atividades remuneradas é de seis horas a menos que a dos homens. Entretanto, como dedicam duas vezes mais tempo aos afazeres domésticos, no total, as mulheres trabalham cinco horas a mais por semana. Ao todo, a jornada das mulheres é, em média, de 55,1 horas semanais contra 50,5 horas dos homens.

FORA DA REALIDADE

Quanto a essa conversa de que as mulheres que não casam não deveriam ter direito a se aposentar mais cedo porque não têm dupla jornada, não tem nada a ver com a realidade. Todo mundo sabe que, diferentemente dos meninos, desde cedo as meninas são levadas a assumir boa parte das tarefas domésticas do lar e, casadas ou não, com ou sem filhos, são geralmente as que acompanham pais ou familiares aos médicos, cuidam dos idosos e doentes da família, assumem a responsabilidade pelos cuidados da casa, das compras e das contas. Essa declaração do deputado Arthur Maia, só demonstra que ele não conhece nada da vida das mulheres trabalhadoras.

APOSENTADORIA

Diferença na idade garante justiça para as mulheres

Manter a diferença de idade para a aposentadoria entre homens e mulheres é uma questão de justiça social. Ao longo de suas vidas, as mulheres ganham menos, têm menos oportunidades de ascender no trabalho e trabalham mais, pois enfrentam a dupla (às vezes tripla) jornada, no trabalho e no lar. Essa é a principal justificativa para a diferenciação nos critérios de aposentadoria: a dupla jornada combinada com os baixos salários das mulheres.

É também uma forma de compensar um trabalho que o Estado não reconhece e nem remunera. Sabe-se que a permanência das mulheres no mercado de trabalho formal é menor do que a dos homens. De acordo com dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), as mulheres ficam, em média, 37 meses no mesmo emprego. Já os homens, 41,7 meses. Isso está relacionado, entre outros fatores, à ausência de serviços públicos como creches e escolas em tempo integral para deixar as crianças e de instituições para cuidados com idosos e enfermos. Esse trabalho é essencial para a vida em sociedade e deveriam ser garantidos pelo Estado. Mas não são e recaem, quase exclusivamente, sobre a mulher. A diferença de critérios de aposentadoria tem o objetivo de compensar, em parte, essa imensa desigualdade. Por isso, se a proposta passar, vai trazer prejuízos enormes às mulheres trabalhadoras e aumentar o abismo que separa homens e mulheres na sociedade.

8 DE MARÇO

Vamos dizer não à reforma

As mulheres trabalhadoras precisam dizer não à reforma da Previdência. No dia 8 de março, quando saímos às ruas para protestar contra o machismo, a violência e a retirada de direitos, vamos dizer bem alto que não aceitamos pagar a conta que os capitalistas fizeram. Não vamos aceitar o rebaixamento de nossas condições de vida. Gritemos bem alto: fora Trump, fora Temer e fora todos os que oprimem e exploram as mulheres trabalhadoras!

SAIBA MAIS

DADOS

- Renda das mulheres equivale a 76% da renda dos homens

- Rendimento da mulher negra é menos de 40% do que ganha um homem branco

- Dupla jornada e acumulação de trabalho remunerado e doméstico fazem com que as mulheres trabalhem cinco horas a mais por semana.

FRANÇA

Eleições em meio à forte polarização social

DA REDACÃO

A polarização social na França provocou uma enorme fragmentação da cena política, expressão de uma crise do sistema partidário e político que, por anos, estava baseado na alternância entre o Partido Socialista e a direita tradicional. Esse quadro faz com as eleições presidenciais sejam umas das mais incertas da história recente. Até algumas semanas atrás, as pesquisas mostravam que o segundo turno das eleições seria realizado entre o candidato François Fillon e a candidata Marine Le Pen, da extrema direita. Contudo, denúncias de corrupção envolvendo Fillon e sua esposa provocaram a ascensão de Emanuel Macron, um candidato que defende a mesma política social-liberal do atual presidente François Hollande, mas apresenta um novo rosto, diferente dos tradicionais politicos do país.

De cima para baixo: François Fillon, Emanuel Macron e Marine Le Pen

CRISE DO PS

A crise no Partido Socialista (PS) explica parte do cenário eleitoral francês. O partido deve amargar seu pior resultado eleitoral da história. Em 2012, o partido venceu a eleição presidencial com base na rejeição massiva às políticas antissociais do então presidente Nicolas Sarkozy. O governo dito socialista de Hollande, porém, não só traiu todas as suas promessas eleitorais, como desencadeou ataques ainda mais brutais aos direitos dos trabalhadores.

A economia amarga uma desaceleração. Não cresceu no ano passado, e o desemprego está em alta, atingindo 3 milhões de trabalhadores, próximo a 10% da população. Como resultado, cerca de 400 mil trabalhadores foram demitidos de empresas como PSA Peugeot, Renault, Carrefour, Doux, Arcellor Mittal etc. A política de Hollande foi a de baixar o custo do trabalho, ou seja, atacar direitos históricos dos trabalhadores para que os patrões voltassem a lucrar. Assim, o governo impôs uma reforma trabalhista e enfrentou, ao longo de todo 2016, inúmeras greves e paralisações dos trabalhadores.

O resultado foi a impopularidade recorde de Hollande, que se recusou, inclusive, a tentar sua reeleição, e a ruptura com o PS de um setor histórico do seu eleitorado.

O governo francês também aprofundou sua ofensiva bélica no Oriente Médio, o que fomentou os terroristas no país. Hollande se aproveitou para estabelecer um estado de emergência e atacar direitos democráticos da população, reprimindo os protestos contra a reforma.

OUTROS CANDIDATOS

François Fillon, representante da direita tradicional, antes mesmo de ver sua campanha naufragar em escândalos de corrupção, já estava sendo profundamente questionado por defender ataques aos direitos trabalhistas. Fillon defendia o fim da seguridade social para doenças menores que, segundo ele, seriam tratadas por planos privados de saúde.

Já Marine Le Pen faz uma campanha xenófoba e racista e se apoia em grande parte nas medidas tomadas por Hollande que fomentaram ainda mais o preconceito contra a população muçulmana. Com um discurso nacionalista, ela tem dito, abertamente, que é como Thatcher, a ex-primeira ministra britânica, pioneira nas políticas neoliberais de desmonte do Estado de Bem Estar, isto é, dos direitos sociais históricos conquistados pelos trabalhadores da França.

O jovem candidato Macron, apesar de se apresentar como algo novo na política, propõe continuar o mesmo caminho tomado pelo PS, de destruição dos direitos trabalhistas. Defensor de medidas neoliberais, o candidato também defende o fim do Estado de Bem Estar para alavancar a economia. Afinal, o que esperar de um candidato que até pouco tempo estava nas fileiras do PS e foi ministro da Educação do governo Hollande?

NOVA REBELIÃO

Protestos tomam a França contra violência policial

As eleições vão ocorrer num momento de profunda polarização social. Se a luta dos trabalhadores contra a reforma trabalhista marcou 2016, este ano começou com uma série de protestos de jovens da periferia contra a violência policial.

No dia 2 de fevereiro, em Aulnay-sous-Bois, sem justificativa, a polícia abordou quatro jovens negros. Eles foram revistados, sofreram xingamentos racistas e agressões físicas. Câmeras de segurança registraram as cenas bárbaras da covardia policial. Um dos jovens, Théo, 22 anos, foi separado dos demais e estuprado por um dos policiais que usou um cassetete contra ele.

Os crimes de ódio promovidos pelos policiais geraram comoção e mobilizações radicalizadas na cidade onde ocorreu e logo se espalhou por toda a França. Em diversas cidades onde houve manifestações, elas foram reprimidas. Centenas de jovens foram detidos, e carros foram queimados.

A situação socioeconômica vivida pelos imigrantes é precária. A taxa de desemprego na França é 8% maior entre os imigrantes do que entre os franceses, e os imigrantes ocupam postos menos valorizados e com piores condições de trabalho.

Os protestos fizeram as classes dominantes tremerem. Na memória, logo vieram as lembranças de novembro de 2005, quando milhares de jovens da periferia protagonizaram um levante contra o assassinato de dois adolescentes. A rebelião durou dias e foi simbolizada pela queima de carros em muitas cidades de toda a França. 2017 promete novas rebeliões.

UM TROFÉU, DUAS RAINHAS

Adele quebra seu Grammy ao meio para dividi-lo com Beyoncé

Adele, durante a premiação, com o troféu partido ao meio

O Grammy é o maior prêmio da música mundial. Um equivalente ao Oscar para o cinema. Em sua cerimônia anual, são premiados diversos artistas em diversas categorias.

Na edição deste ano, a grande expectativa era que a cantora pop Beyoncé levasse o prêmio de melhor álbum, a categoria mais importante. Beyoncé, com nove indicações, foi a artista que mais recebeu indicações ao prêmio. Depois dela, vinham Rihanna, Drake e Kanye West, com oito cada, e Adele com cinco.

Além disso, o álbum *Lemonade*, pelo qual Beyoncé competia, contém sucessos como *Formation*. A música estourou no final de 2016, quando a cantora realizou sua apresentação durante o Super Bowl – maior evento esportivo e televisivo dos EUA. A performance incluía referências diretas aos Panteras Negras e foi feita num momento em que a população negra tomava as ruas do país contra a violência policial.

Emboa a expectativa fosse grande, nada se confirmou. Adele acabou levando cinco prêmios e, entre eles, o de álbum do ano, com *25*.

Entretanto, em seu discurso, Adele fez questão de dedicar seu prêmio à Beyoncé. *"Não posso aceitar este prêmio. A artista da minha vida é Beyoncé. O seu álbum* Lemonade *é tão monumental, tão bem concebido, tão belo e tão cheio de alma"*, disse Adele, pouco antes de partir o troféu ao meio. A artista reafirmou sua posição durante a coletiva de imprensa, após a premiação, dizendo que não só era fã de Beyoncé, como havia votado nela. Adele ainda questionou: *"Que raio precisa ela fazer para ganhar o álbum do ano?"*.

A não premiação de Beyoncé logo trouxe ao debate o possível racismo da premiação. O que não é de se suspeitar, a exemplo do que aconteceu com o Oscar em 2016, quando vários artistas negros boicotaram a premiação, denunciada como racista, inclusive, em seu discurso de abertura, feito por Chris Rock.

FUTEBOL

Clássico é suspenso por impasse com a Rede Globo

O clássico entre Atlético Paranaense e Coritiba que aocnteceria nessa 5ª rodada do campeonato paranaense foi suspenso antes mesmo de começar. O motivo da suspensão da partida foram as transmissões ao vivo que os clubes faziam em suas redes sociais. Diante do fato e sem conseguir chegar a um acordo com os clubes, a arbitragem acatou as ordens da Federação Paranaense de Futebol e encerrou a partida. Para a Federação, a transmissão ao vivo realizada pelos clubes em suas redes sociais viola os direitos de transmissão que, para essa temporada, foram adquiridos pela Rede Globo.

Juntos no círculo central, clubes agradecem a presença dos torcedores.

Os contratos de transmissão dos campeonatos são negociados por temporada, ano a ano. E como é de se esperar, todos os anos ficam com a Rede Globo, um dos maiores monopólios midiáticos do mundo. Isso dá a vantagem para a Globo de impor suas condições às federações e aos clubes, influenciando, inclusive, no horário dos jogos. Para a Globo, nosso futebol não passa de um espetáculo, mais uma mercadoria com a qual negocia.

Depois de todo o impasse, os jogadores do dois clubes voltaram ao centro do campo, de mãos dadas, e agradeceram aos torcedores. A torcida logo aplaudiu e protestou contra a Federação Paranaense.

Mesmo sem acontecer, o clássico vai entrar pra história por ter enfrentado o poder do Rede Globo e seu capital.

GRUPO DE ESTUDOS

Mulheres, Raça e Classe

MARCEL WANDO, DE SÃO PAULO (SP)

O livro *Mulheres, Raça e Classe*, de Angela Davis, foi lançado em 1981. Porém só em setembro do ano passado sua versão em português chegou ao Brasil. Durante todo o mês de janeiro, na Cidade Tiradentes, bairro da Zona Leste de São Paulo, jovens e adultos se reuniram para estudar a obra de Angela Davis. Segundo a organizadora do grupo, Shirley Raposo, *"Levar grupos de estudos para a Cidade Tiradentes e para toda a periferia, onde estão as pessoas mais pobres, negras, operárias, distantes do centro e com qualidade de vida baixa, é uma necessidade. É aliar o conhecimento à militância e construir de fato a práxis revolucionária"*.

O livro discute o significado da escravidão, não apenas enquanto maior instrumento de exploração já utilizado pela burguesia, mas seu significado para o povo negro, em especial as mulheres negras. Ao mesmo tempo em que aponta os fortes ataques sofridos pelo povo negro, mostra também como se deu a luta e a resistência para a superação do período escravocrata do capitalismo.

Entender o papel da escravidão na consolidação do racismo como método de lucratividade e opressão do capitalismo permite compreender seus resquícios e heranças nos dias de hoje. Por isso, a atualidade e importância do livro de Angela Davis. É uma boa forma de entender que, para acabar com a opressão racista e de gênero, é preciso acabar também com a exploração de classe.

As organizações marxistas e de esquerda também têm muito a aprender com o livro, em que se mostra uma esquerda branca, ou seja, racista, cumprindo muitas vezes um papel contrarrevolucionário no cenário político. É papel das organizações sérias formar seus militantes na política, e o livro *Mulheres, Raça e Classe*, de Angela Davis, é imprescindível para essa tarefa. Ainda mais na atual conjuntura de ataques como a reforma da Previdência, que atinge com mais força as mulheres negras.

LEIA MAIS EM:

HTTPS://GOO.GL/CUJKVL

8 de Março
Nem uma a menos! Nem um direito a menos!

SECRETARIA NACIONAL DE MULHERES DO PSTU

O próximo dia internacional de luta das mulheres promete. Puxadas pelo movimento "Ni Una Menos" (Nem uma a menos), mulheres de mais de 30 países estão programando um enorme dia contra o machismo, a violência e a retirada de direitos. Serão realizadas ações como greves, paralisações, piquetes e protestos para exigir dos governos medidas concretas para combater o machismo. Num momento em que a classe trabalhadora do mundo demonstra resistência aos ataques dos governos e dos capitalistas, é exemplar que movimentos de mulheres tomem para si seus métodos de luta (greves, piquetes) e a solidariedade internacional para lutar contra o machismo e a opressão.

Protesto de mulheres na Argentina

FEMINISMO DE CLASSE

E o movimento ganhou reforço. Através de um manifesto, um grupo de ativistas norte-americanas, entre as quais Ângela Davis e Nancy Fraser, conhecidas pela defesa dos direitos civis e das mulheres, se somaram ao chamado. Elas participaram, recentemente, da marcha das mulheres contra Donald Trump, presidente dos Estados Unidos. Também propuseram, em alternativa ao que chamam de feminismo do "faça acontecer" e outras variantes do "feminismo empresarial" *"construir em seu lugar um feminismo dos 99%, de base, anticapitalista, solidário com as trabalhadoras, suas famílias e seus aliados em todo o mundo"*.

Isso mostra o total fracasso da estratégia imperialista do empoderamento como saída para acabar com as desigualdades ou mesmo assegurar aos oprimidos os mínimos direitos democráticos, ou qualquer possibilidade de libertação dentro do sistema.

Para ser vitoriosa, a luta das mulheres contra a opressão deve ser parte da luta de todos os trabalhadores contra a exploração capitalista. Nesse sentido, nosso acerto de contas com o feminismo burguês, branco e empresarial, do "faça acontecer" vai acontecer ao se unirem as mulheres negras e não negras da classe trabalhadora aos homens trabalhadores contra o machismo, o racismo, a LGBTfobia, a xenofobia e toda forma de opressão que nos divide, e guiá-los na direção da tomada do poder e da construção de uma sociedade socialista.

100 ANOS DA REVOLUÇÃO RUSSA

A luta das mulheres e a revolução

Foi no dia 8 de março de 1917. Uma greve de operárias no Dia Internacional da Mulher desatou na primeira revolução socialista da história da humanidade. A Revolução Russa significou uma enorme conquista para a classe trabalhadora e um avanço sem precedentes para as mulheres. Nenhum país capitalista tinha sido capaz de conceder tantos direitos às mulheres como a Rússia Soviética.

Passados 100 anos da Revolução, a lição daquelas operárias segue vigente. A luta das mulheres contra a desigualdade está tão ligada à luta de toda a classe contra a exploração, que somente a tomada do poder pelos trabalhadores e o socialismo podem resolver definitivamente a questão da mulher. Por outro lado, a luta contra a exploração capitalista só pode se realizar se a classe trabalhadora souber incorporar as necessidades das mulheres contra o machismo e a opressão em seu próprio programa.

Trabalhadoras russas cumprirarm um papel fundamental no processo revolucionário

ESQUENTA DA GREVE GERAL

No Brasil também vai ter luta

No Brasil, motivos não faltam para que o 8 de Março seja um enorme dia de luta. O aumento dos casos de machismo que vitimam mais e mais mulheres, somado aos ataques dos governos e patrões, atingem as mulheres em cheio. As mulheres respondem com muita luta e resistência e, em muitos casos, se transformam em estrelas, como no caso da greve da PM do Espirito Santo que foi sustentada pela mobilização das mulheres familiares dos soldados.

As reformas da Previdência e trabalhista de Temer dá ainda mais motivos para sairmos às ruas e nos unirmos ao movimento internacional das mulheres. Por isso, devemos transformar o 8 de Março no esquenta da greve geral que o país necessita para barrar as reformas e derrotar Temer.

Mulher trabalhadora, venha ocupar seu lugar nesta luta! Venha construir o 8 de Março. Vamos seguir em luta, junto com os homens da classe trabalhadora, contra a opressão e a exploração e por uma sociedade socialista e igualitária!